



“DEVANEIO”

Julie Claire Booth¹

Há um silêncio na minha rotina. Um tipo de silêncio que não é bem ausente de som, mas recheado de um tipo bem específico de barulho. Um barulho sutil e agradável. Afinal, silêncios absolutos são ensurdecedores. Principalmente pra quem nasceu no centro de uma cidade grande. Mas esse barulho a que me refiro é das coisas como o vento batendo nas folhas, o zumbido de uma abelha ou alguém caminhando sobre as pedras. É o tipo de barulho que só se escuta quando se presta atenção no silêncio. Em meio aos barulhos silenciosos, me debruço nos meus próprios gritos internos. Há um medo na minha rotina. Medo. Não sei ao certo de quê. E ainda sim, consigo descrevê-lo em detalhes. É um tipo que me esfria a barriga. Me acelera o coração. Me faz querer fugir ou me esconder. É um medo de estar fazendo tudo errado. Ou pior, de não estar fazendo absolutamente nada. Medo de que os movimentos se encerrem neles mesmos, sem me levar a lugar algum. Tenho tanto medo da estagnação quanto medo de andar pra frente. Mas afinal, qual é o sentido de temer a vida? Como se eu devesse algo a alguém... Que tolice! Às vezes temo levar a vida tão a sério. Mas também me amedronto de levar as coisas sem seriedade alguma. O paradoxo me fascina tanto quanto me cansa. Será que existe algo que seja sem nenhum contraponto? Temo que a vida não saia como eu planejei. Temo planejar demais a vida. Afinal, talvez meus melhores momentos tenham vindo do imprevisível. Temo viver com medo. Mas pior seria viver sem ele. Há poucas coisas na vida mais gostosas que superar um bloqueio. Também há poucas coisas piores. Aquele frio na barriga. Suor escorrendo pelas mãos geladas. A garganta seca. Um horror. “Onde eu estava com a cabeça pra me meter no meu pior pesadelo?” Uma vontade incessante de crescer, eu diria. Depois que passa, é uma delícia. Me recordo sempre de seguir meus sonhos e enfrentar meus medos. Ou melhor, enfrentar meus sonhos e seguir meus medos. Afinal, qual a diferença? Tememos nossos sonhos tanto quanto sonhamos nossos medos. Não esqueço nunca de duvidar de mim. Um hábito terrível. Por outro lado, é o que me torna humana. Já disse que detesto paradoxos? Mas não consigo pensar sem eles. Feliz ou infelizmente, eu me entrelaço nas teias dos meus próprios pensamentos. Pior ainda quando estou em silêncio.

¹ Graduanda de Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É voluntária no programa REDAPET, realizado através do PET-Letras.